Brasil se equilibra numa bicicleta alugada

Sem muitas alternativas de empregos, número de motoristas e entregadores de aplicativos bate recorde no país em jornadas de até 16 horas, um retrato da informalidade que desafia o Governo

Mike Nunes Bizerra, de 23 anos, trabalha como entregador de aplicativo há três meses. FERNANDO CAVALCANTI - FERNANDO@FCAVALCANTI.FOT.BR

HELOÍSA MENDONÇA

São Paulo - 29 DEZ 2019 - 12:46 BRT

A maior recessão econômica dos últimos anos no Brasil levou embora, em 2017, o emprego de carteira assinada de John Erick da Silva, de 34 anos. O morador do Jardim Peri, na zona Norte de São Paulo, trabalhava como técnico de amostragem em um laboratório que decretou falência. Desempregado com duas filhas para sustentar, decidiu começar a trabalhar como motorista de Uber. Financiou um carro em 60 meses e hoje chega a trabalhar até 16 horas por dia para pagar as contas no fim do mês. Desde então, nunca mais tirou férias. “É um serviço quase em tempo integral. Trabalho de domingo a domingo, só paro no rodízio do meu carro na quinta-feira. Ser Uber vale a pena, mas é preciso ralar muito para pagar o aluguel. Eu estou com várias contas atrasadas, no vermelho”, lamenta Silva.

Sem muitas alternativas de empregos formais em um cenário de lenta recuperação econômica, não são poucos os brasileiros que como Silva resolveram atuar como motorista por aplicativo, inclusive alugando carros para cumprir o ofício. O número de pessoas que trabalha em veículos, que também inclui taxistas, motoristas e trocadores de ônibus, atingiu recorde e aumentou 29,2% em 2018, chegando a 3,6 milhões. O que significa 810.000 pessoas a mais em relação a 2017, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), divulgada em dezembro pelo IBGE.

Já os que trabalham em local designado pelo empregador, patrão ou freguês, grupo que inclui os entregadores a bordo de motos e bicicleta, muitos recrutados por aplicativo, também registraram a maior alta desde 2012. O número desses trabalhadores avançou quase 10% em relação a 2017, chegando a 10,1 milhões em 2018. Em um ano, 905 mil pessoas optaram por esse tipo de emprego.

“As recentes altas podem estar relacionadas ao crescimento dos serviços de transportes de passageiros e de entregas por aplicativos de celular, refletindo as mudanças na economia atual”, afirmou a pesquisadora do IBGE, Adriana Beringuay.

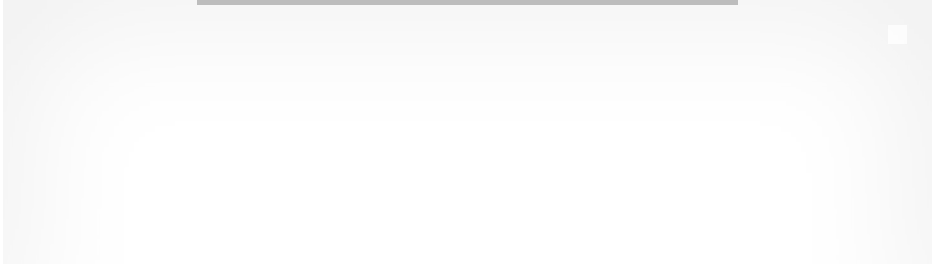
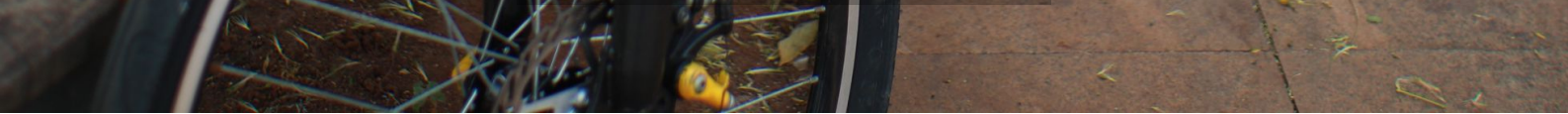
MAIS INFORMAÇÕES

Renda do trabalhador mais pobre segue em queda e ricos já ganham mais que antes da crise

Emprego tem leve melhora e mais vagas com carteira assinada, mas informais superam e desafiam recuperação

John Erick da Silva, de 34 anos, financiou o carro em 60 meses para trabalhar como motorista do Uber. FERNANDO CAVALCANTI - FERNANDO@FCAVALCANTI.FOT.BR

Aos 23 anos, Mike Nunes Bizerra resolveu tentar ganhar a vida como entregador de aplicativo após ser demitido de um supermercado, onde era registrado. Há três meses, ele paga um plano de 20 reais para alugar as bicicletas do Itaú diariamente para fazer entregas em Pinheiros, na Zona Oeste da cidade. Morador de Itaquaquecetuba, na região metropolitana de São Paulo, ele precisa viajar duas horas de ônibus para chegar ao local. “Trabalho cinco dias por semana, do meio-dia até de noite. Ganho cerca de 400 reais por semana. No fim do mês, é algo parecido com o que recebia no supermercado, mas sem nenhum direito trabalhista”, diz.

Enquanto tenta procurar um emprego formal para ter mais estabilidade financeira para sustentar a mulher, que está desempregada, e as duas filhas, Bizerra torce sempre para que um dia chuvoso não atravesse o seu caminho. “Dia de chuva fico em casa e perco um dia de trabalho, não tem jeito”, lamenta. Em 2020, ele espera conseguir tirar uma habilitação para fazer as entregas de moto. “Vai facilitar um pouco o trabalho. É cada subida que pego, mas o melhor mesmo seria um emprego com carteira”.

Rappi
DELIVERY DE TUDO EM MINUTOS
BAIXE O APP

Há mais de dois anos, o também entregador de aplicativo, Daniel Carlos César não consegue assinar sua carteira de trabalho. O último emprego registrado foi como repositor em um mercado. “Tive um acidente doméstico, machuquei a mão e não consegui completar nem os três meses de experiência”, conta o entregador que só conseguiu uma nova renda na informalidade.

Já a vendedora ambulante Maria Elenice Alves, de 62 anos, trabalha por conta própria há mais de 20 anos e, apesar de estar vendo suas vendas diminuírem nos últimos cinco anos, não pensa em mudar de ocupação. Com o marido desempregado há mais de um ano, sua preocupação é que não tem conseguido poupar quase nada para a aposentadoria.

Ainda que nos últimos dois trimestres a taxa de desemprego tenha registrado queda -no fim de novembro atingia 11,9 milhões de pessoas- e a taxa de ocupação tenha chegado ao recorde de 94,4 milhões de pessoas, o grande desafio continua sendo reduzir a informalidade do mercado de trabalho. Atualmente, 38,8 milhões de brasileiros estão dentro da categoria, cerca de 41%, incluindo os que trabalham por conta própria. A informalidade gera consequências negativas, segundo especialistas, como a renda menor para os trabalhadores por ser, em geral, ocupações que pagam menos e também uma queda da contribuição para a Previdência, já que são poucos os que contribuem para o INSS.

“Analisamos a evolução do ponto de vista qualitativo ou quantitativo? Claro que é importante o crescimento da população ocupada em 2019, mas ele foi construído em cima de um trabalhador por conta própria, uma empresa sem CNPJ e um empregado sem carteira”, conclui Beringuy, analista da PNAD Contínua do IBGE.

MAIS INFORMAÇÕES

Por que mesmo com uma economia de lado a Bolsa bate um recorde atrás de outro?

“O PIB ainda vai dem... rar para retomar o período pré-crise.

Deve ficar para 2021”